

DIEGO, 2024

FLORES DE INVERNO – PARTE 2

O primeiro dos quais, Evaristo. Clarice dizia a si mesma ter a decência de compor-se para o velório. Ainda que custe e pese, ainda que no choro de uma igreja inteira, seja o soprano isolado de encontro à urna, a ponta de vigor em cujo altar manteve inexpressiva de vislumbre ao cinzento. Já não amava Evaristo, não podia amar mortos. Em silêncio, por isso, desceu o degrau, em silêncio se desvanece o púlpito e canta pêsames a si mesma para que descansa ao menos em paz, em silêncio se senta, e mais silêncios até que se fecha a urna e Evaristo se arrependerá quanto mais morto estiver.

Uma e meia da manhã, ainda novembro porque ainda chove o para-brisas... os dois conduzem um carro, Fiat velho que já pertenceu aos pais do rapaz. Umás vezes Clarice salta do pendura e faz uma rotunda mais apertada, ou estaciona o veículo quando é preciso que a bunda não fique de impedimento a estorvar quem vem ou quem passa. Outras vezes Evaristo safa-se como pode.

Dormiam junto de padarias e de oficinas em Esmoriz, uma vez levantaram o tom de voz porque afinal as mantas são poucas, a cesta com queijos não durava a eternidade que supunham perseguir no passar dos dias. Clarice desculpou-se, ao passo que Evaristo temeu a primeira de muitas. Já não era difícil temer fosse o que fosse, se

misericórdia um cálice de sangue, se súplica um madeiro com pregos em Gólgota.

Um de cada lado, desceram com pressa de se salientar quando o ponteiro do relógio, pontualmente, cruzou às duas horas e um quarto sem atrasos. Arrombavam a porta da padaria sem se aperceberem da presença de um homem ainda sujo de pão, com restos de centeio nos dedos e um pó branco pelas calças. Quem o visse, via de clareza abundante, um susto e distração que pouco se compreenderá pela dualidade anuída. Era medo e dúvida, ou pelo semblante de quem o importunasse, era pena e sonolência. Deverá ter pensado consigo se ao menos tempo poupasse, que assaltar uma casa de pães em Esmoriz, num horário destes e com verborreia de quem sabe o que diz, é imprudente, só para não chamarmos o desastroso à meio da conversa.

A caixa registadora está bloqueada. Os sacos com notas, a tia Ana Bela já os levou mais cedo. Carregaram pães com fatura, de Rio Maior e os pedaços de Alfarroba. Evaristo perdeu tempo a ver as luzes prematuras de Natal, e com isso lhe veio a memória relembrar-se, que deverá haver folar e bolo-rei já enfiados para amanhã. Questionou Clarice que arregalou, e o olhar em despiste ainda fez uma esquina de cruzar-se com o do senhor padeiro, e foi como se tivessem rido no íntimo os dois. Não podiam, claro está. Um assalto, em todo o caso, será sempre um ato solene, que infunde de quem o pratica e de quem o sofre, um certo ar majestoso.

Evaristo na frente, fez sinal para que Clarice se despachasse uma vez cumprido o pressuposto. Eis que, iludido alimentou-se de uma espera que se disse bonificada, entretanto, de nada abonatório lhe valeu. Clarice estava em cena, no palco. Tinha o pedaço de um objeto cortante apontado ao peito do senhor padeiro. É Clarice que responde, ou será o diabo por ela? (indagava o meio circundante).

Levantou as mãos o senhor padeiro, e em jeito de pai desaprovando, disse numa voz viva: a menina é que sabe, eu cá não educo a filha de ninguém (e deu costas). Clarice o matou. Uma facada e depois outra. Rasgou-lhe a nuca, depois o peito, e depois caiu com a queda do homem, e lhe cravou sete vezes no abdómem. Não deu tempo de suplicar pela vida, não havia jeito de suspiro.

À Evaristo ocorreu-lhe intervir de antemão com a célebre frase "já temos os pães e bolo que chegue". Acobardou-se, porém. Assim temeu a segunda de muitas, vertendo em cálice de mãos atadas ao calvário.

Luanda, 2019 – Funeral da minha avó (Rocha Pinto)

"Escrevi uma carta que nunca cheguei a mandar. O meu pai nunca lia cartas. Quem lê cartas se propõe a ter alma e peito, coisa que os pais nunca devem ter. Nunca tocou, nunca beijou, nem nunca sorriu quando quis que sorrisse. Por isso foi bom pai. A gente ama, muitas vezes, o que não pode tocar.

Neste dia em que vos escrevo: uma estrada depois do funeral da avó Verónica, meu pai me tocou, beijou-me e sorriu quando quis que sorrisse. Deus soprou e pediu que pousasse a cabeça nos ombros do meu pai. Não pousei. E depois o vi mais duas ou três noites, mas foi aí, no Rocha Pinto ao pé da moagem, a última vez que de facto o vi. Adeus!"

Fizeram amor duas vezes. Nem Evaristo suspira nem se lhe resplandece o poema da carne. Só e tão somente Clarice, toda ela poesia se contorcendo conforme este se encolhe nesta pálida prosa que diz e berra mas pouco se compreenderá. Poesia é ritmo, é canto, assobio e vazios, enche-se poemas com mímicas de Deus tal qual Clarice embrulha os dedos e tocam céus e terra, e trompetes se jubilam, e trevas apoderam-se da prosa na mesma improbabilidade de Cristo acolher Iscariotes.

Acordaram do sono meia hora depois, ainda na padaria de Esmoriz. Sangue, suor e lágrimas. Prazer, eventualmente. Então Evaristo, como no Evangelho, compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício. Sabia que havia de morrer. Passaram-se dias, ao relento e empanturrados de Alfarroba, um outro homem perdeu a vida às custas da poesia de Clarice... tão bela mulher de seios tão vividos e prontos, tão contida no que poupa e fala, sentada à beira de Custódio e à beira do padeiro sem vida e sem vida ela mesma... que susto a toma a ponto de arregalar desapercibida? Quem afinal a toma em completa estupefação?

O assalto de há dias tinha sido pouco rentável do ponto de vista pecuniário. Era preciso abastecer-se o depósito do veículo que os transporta dia e noite de Albergaria à Santa Casa da Misericórdia aqui ao lado. E como é de domínio dos estimados leitores, não é coisa tão comum em ares de capitalismo, adquirir-se combustível usando foliar de natal ou pedaços de rio maior como moeda de troca. Coloca-se o dilema dos tostões, ora aí está.

Para tal, Evaristo debate-se com a decisão tomada por Clarice: de estacionar na berma escamoteada por arbustos, e pôr-se em pose de desespero no meio da estrada.

Bate Evaristo com os punhos cerrados o volante pela ansiedade e desespero que o toma, mas ninguém o vê. Clarice apronta-se ao redor de si mesma, esticando o pescoço para a visão do espelho, retoca um batom lambendo os lábios e endireita os ombros de seguida. Apalpou os seios em jeito, ajusta o decote bege e deita pelo vidro uma pastilha elástica que já lhe dura um bom par de horas, a qual se terá esquecido em consecutivos dias.

O acordo, apesar de abrupto, era claro, simplista e exequível: ao bom samaritano que lhe ocorrer compungir-se, nada de tão grave lhe poderá ocorrer. Saca-se-lhe as notas, a bufunfa, deixa-se que o velho paradeiro lhe caia em cima e que vá atordoado onde a vida lhe espera.

Dir-se-á atordoado por um género de complexidade política. Dantes não haviam coisas dessas nesta terra. Espera-se que no carro fume um cigarro e que mande para a puta que os pariu os emigrantes todos. Ou que, embora

aturdido, chegue à residência são e salvo e conte o sucedido aos filhos e à mulher.

Porém, a verdade dos factos:

Quando parou o carro, imbuído por uma solidariedade que se poderá dizer típica, Clarice sorri carioca. Em relance, passa-lhe pela cabeça o que fará neste horário esta jovem senhora à procura de tudo e à procura de nada, entretanto, não se demora demasiado até que tal questionamento se dilua com o passar do tempo e no andar da boa conversa. Evaristo desespera-se. Clarice põe-se à vontade com o homem, que conforme as coisas vão, daqui a bocado é divorciado há um par de meses e fez já trabalhos de engenharia em Florianópolis.

Falava do carro para fora, depois desceu. Agora fora, deixava-se sorrir com maior latitude. De seguida, tornou a entrar. Ambos doravante, de dentro para dentro: as eleições da extrema-direita, bossa nova das antigas e capoeira que os miúdos até fizeram no plano de férias depois das quatro. Afinal isso dos pretos não nos traz só coisas más e de vexame.

Aculturou-se com uma das mãos na perna direita, e Clarice toda cheia de vergonha e timidez. Quanto mais acreditava em si mesma, mais a mão do homem crescia. Nómada e sem destino aparente. Nómada como os pretos da altura, descia e subia em autonomia de povo rei, de cuja cidadania dura os primórdios quando o sorriso era só carioca. O sorriso agora é tudo o que Clarice não acredita. Geme e sua, o povo rebela-se e Evaristo assiste.

Após o coito, soube o homem que não veria filhos, nem mulher, nem divórcio nem cigarros. Morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito chora poesia inteira sobre a cabeça do finado, destruída e ensanguentada. Não mais se recorda das linhas nas mãos do padeiro, ou do olhar de esquina que a ela se foi juntar. Culpa-se pela finitude do luto, culpar-se-á pela infinitude da perda.

Enxugou, entretanto, o rosto em soluços, com pedaço de papel. Esticava os ombros para a visão do espelho, retocava os lábios, apalpava os seios. Desceu do carro, sem que necessário fosse um banho de valências, e vinha consigo o homem arrastado pelas calças e pernas. Evaristo morria daí há instantes. Tentou que não fosse possível. Pedimos sempre que não seja tão breve, embora o saibamos. Tentou ao menos que as chaves do carro algures pudessem estar. Tentou que as encontrasse, caramba. Desespero e vulto, raios partam os nervos. Agora suores e tremuras, agora nada de chaves e quando as sente na algibeira pouco se vê da ignição. Se porventura o escuro voasse, e se voar era sem asas, e se asas tivesse este teu passado, certeza que o carro já andava.

E andou. Um abanão, um tremorzito, um vagar e um pisca pro lado contrário. Que diferença faz se direita ou se esquerda? Evaristo não se dá conta das inutilidades e veste o cinto e tudo. Encontrou o cego uma bengala ao cabo de imensa intrepidez. Um olho cego, fantasiado de alma errante a pretexto de que pouco se veja a solidão arrebatada, este solo do qual um homem nunca se habitua nem se desprende, ou por vontades ou por estas pouco consentidas, quer pese quer não, quer sejamos sombras,

pedras ou fundo de vida pulsado em meandros de infortúnio, és capaz de me tocar a pele? Senta-te e ouves-me um segundo se não for pedir o mundo? Que disparete, eu sei, era só que gostassem de mim, eu existo, caramba, estou aqui, são ao menos capazes de me ver as vezes todas que olham? Não te zangues comigo, pai, queria não ter este olho torto, nem essa cara, nem essas mãos, nem esse copo de vidro que a mãe insiste em chamar vaso com flores... não há flores! Não há, não há eu, não és tu, só Clarice, seu nome é Clarice porque me viu, me vi a mim de fora e o desintegrado se recompôs, passei a existir, e o vaso também.

Clarice à procura de tudo e à procura de nada, vê que Evaristo se afasta. Segue caminho, de alma vazia, de corpo cansado; não se importa que o Outono seja cada vez mais frio cá para baixo; tudo é tão bonito se virmos como Evaristo vê.

Clarice ainda permanece imóvel com as pernas do defunto penduradas numa das mãos; assiste o longe. Evaristo sabe que há de morrer. Clarice, consigo tornou a arrastar o corpo do homem para dentro do veículo; e adivinhem só quem ligou o carro; a mesma que persegue o longe e agora o alcança; Evaristo fecha os olhos e morre sozinho; não se saberá dizer se por vontade própria, por mero querer, ou se foi a morte uma vírgula ou se foi um entre parenteses, ou uma gota que da testa escorre e nos beija a boca; a verdade é que morreu e foi o último dos três; Clarice, por fim, desce; vai de encontro à sucata em lastimável aspeto; recolhe o corpo de Evaristo ensopada ela mesma e dobra-

o nas mantas que tinham; faz viagem de volta à Vila Nova, e planta o cadáver à porta de casa.

Agora sim estamos de regresso à cerimónia fúnebre. No cemitério, os africanos entoam hinos, cânticos, louvores, orações e profecias. Não se costuma plantar os mortos só, e dá-se costas. Rega-se o solo e o que há debaixo dele. Clarice ajoelhou-se, depositou uma flor na campa e foi-se embora. Tocaram a campainha...

Último capítulo, disponível em Fevereiro